

ALFONSO REYES E CECÍLIA MEIRELES: UMA AMIZADE MEXICANO-BRASILEIRA

James Willis Robb

Alfonso Reyes, o «Mexicano Universal», poeta e humanista completo que se distinguiu ao mesmo tempo pela sua carreira diplomática de 25 anos que o levou à França, Espanha, Argentina e ao Brasil em particular, foi notável pelas suas grandes amizades literárias, muitas das quais se refletem na sua interessante correspondência. Seus anos no Rio de Janeiro como Embaixador (1930-36, 1938-39) deram ímpeto ao seu entusiasmo por todo o luso-brasileiro, desde a língua portuguesa até o espetáculo tropical do Brasil focalizado no cenário carioca, inspirando várias obras como seu ensaio comparativo sobre a língua portuguesa e a espanhola, «Aduana lingüística»; seu ciclo poético *Romances del Río de Enero*; e as ficções brasileiras *Quince presencias*. (1) Os anos brasileiros de Alfonso Reyes, segundo Alceu Amoroso Lima, «Foram anos, dizia ele, de profunda paz de espírito e intenso trabalho intelectual. E, para nós, do restabelecimento dos laços de amizade e compreensão com esse grande povo mexicano...» (2) Entre suas numerosas amizades brasileiras individuais contava os poetas Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

Cecília Meireles (1901-1964), bela poetisa tão subjetiva e provavelmente mais destacada das poetisas brasileiras, atualmente vem despertando novo interesse considerável neste país, manifestado por exemplo pela antologia bilingüe, *Cecília Meireles: poemas em tradução* por Henry Keith e Raymond Sayers, publicada pelo Instituto Cultural Brasileiro-Americano (Washington, 1977). Keith e Sayers observam que ela «Além de poeta estava sempre ocupada com os problemas de infância e da educação da criança. Escreveu literatura infantil e devotou muito do seu tempo ao desenvolvimento de bibliotecas infantis. Ela própria fundou e dirigiu uma delas no Rio de Janeiro» (3).

Cecília Meireles e Alfonso Reyes tiveram uma interessante relação de intercâmbio cultural, em torno de assuntos pertinentes ao México e ao Brasil, tema que agora pensamos explorar através do seu epistolário, ou seja em algumas das 16 cartas de Cecília Meireles conservadas por Alfonso Reyes na sua biblioteca em México, D. F. (4).

Estas cartas, que se concentram no período 1931-1935, com duas em 1940, quase todas se escreveram quando Alfonso Reyes era Embaixador no Brasil e os dois correspondentes se achavam no Rio de Janeiro, cidade natal da poetisa. As duas últimas foram escritas quando Cecília se encontrava no México, entre viagens ao Texas e a Los Angeles, nos Estados Unidos, estando Reyes também

no México.

Os temas de mútuo interesse que aparecem com mais freqüência entre eles incluem questões de educação no México e no Brasil; desejos de aproximação cultural e espiritual entre os dois países; troca de informações folclórico-literárias, e o recíproco interesse pelas suas respectivas obras literárias e atividades ou projetos culturais.

E já aparecem dois destes temas na primeira carta de Cecília Meireles, datada no Rio, «16 de março de 1931»: o ensino no México, e a visão do México comunicada por Reyes na sua artística narração auto-biográfica, *El testimonio de Juan Peña*, que tinha publicado no Rio de Janeiro em 1930, narração de tendência indigenista que cativou seus leitores Amado Alonso e Concha Meléndez. E aqui Cecília Meireles:

agradeço-lhe, encantada, o «Testimonio de Juan Peña». Não acrescentarei nenhuma palavra de louvor a esse agradecimento, porque sei que, a um artista de verdade, custa sempre muito aceitar a futilidade dos elogios.

Envio-lhe este recorte do «Diário de Notícias», em que atrevi a um comentário sobre o livro, como pretexto á minha homenagem de admiração (5).

Encarei-o sob esse aspecto para ficar dentro do espirito da Página que dirijo, e onde tantas vezes tenho escripto sobre a sua terra admiravel que é, para mim, um exemplo e uma inspiração, nesta hora de transformações da humanidade. De desejos de transformação, pelo menos...

Ainda reterei commigo por mais alguns dias — se m'ó permittir-os tres livros sobre o ensino no México, e aquella collecção magnifica que tão gentilmente me emprestou. Não os pude ler mais depressa, porque andei meditando sobre cada linha.

Espero que perdõe o excesso de admiração que assim me fez tão impontual, e apresento-lhe os meus cordialissimos cumprimentos.

— Cecília de Meirelles —
(sic)

Na sua próxima carta, de 5 de maio de 1932, Cecília se inspira por um recente discurso de Reyes no «dia Pan-americano», em que Alfonso se preocupa pela «incomunicación que existe entre unas y otras de nuestras repúblicas» e toma alento de «estas juventudes» que «nos dan ejemplo, a su modo, de una comunicación espiritual entre los que pudiéramos llamar los hijos de la cultura» (6).

Cecília em sua vez opina:

Creio que o México pode ser um foco de projecção de muitas ansiedades modernas, sobre a America latina: e com um prestigio que a Europa e os Estados Unidos talvez não consigam ter, neste momento. Que os moços da minha terra o estejam sentindo commigo é, de certo modo, uma recompensa para este trabalho de renovação educacional que eu, no grupo de technicos com que estou agindo, procuro, por uma vocação irresistivel, orientar para além das fronteiras, nesse sonho universalista que ainda não deixou de ser para alguns a mais bella coisa da vida.

Mas ela não somente ve uma vaga esperança na aproximação do Brasil ao México: também solicita a colaboração ativa de Alfonso Reyes para a mocidade brasileira:

Não basta, porém, que a mocidade se incline para o caminho que a attrae: é necessário haver alguém que, facilitando-lhe a sabedoria da sua liberdade, tenha, no

emtanto, a virtude especial de lhe dizer certas coisas indispensáveis, ordenadas pela experiência e pelo desinteresse.

Alfonso Reyes tem essa virtude.

O problema do Brasil é um problema de educação, — mas essa palavra tem um significado muito amplo, e dentro d'ella se abrigam todas as nossa necessidades de cultura. Seria lamentavel que o esquecemos, e fosseamos contar com uma formação popular em que se insinuassem os preconceitos novos — tão perigosos como os velhos — que attentam contra a elevação humana, e negam os direitos inalienáveis do espirito.

Alfonso Reyes sabe d'isso tudo, e já o tem dito, embora sem ser em relação ao Brasil...

Alfonso Reyes bem sabe como este momento do mundo é um momento especial para a América. Principalmente para a sua juventude. Não lhe negará, portanto, a sua colaboração, cuja efficiencia é indiscutivel...

Logo, Cecília por suas afiliações jornalísticas ajuda a corrigir alguns equívocos surgidos na imprensa carioca sobre o México e palavras do seu Embaixador Reyes, e com ele comparte pensamentos sobre a «Página de Educação» que ela dirige no Diário de Notícias. Mais adiante, comenta outra conferência de Reyes («Atenea Política») e elogia várias obras recentes de Reyes: *Horas de Burgos*, *Fuga de Navidad*, *Tren de ondas* e *Romances del Río de Enero*; communica com Reyes no mútuo entusiasmo pela poesia de Góngora; pede desculpas por se ter demorado com alguns números emprestados da encantadora revista infantil *Pulgarcito*; e comunica uma nota de pesar pela morte de sua avó.

De agrado especial são suas notas sobre o *Tren de ondas* e os *Romances del Río de Enero* de Alfonso Reyes, nas suas cartas de 13 de janeiro de 1933 e 9 de maio de 1933.

Tren de ondas, publicado no Rio em 1932, é um desses livrinhos de Alfonso Reyes de breves ensaios mínimos, familiares, voláteis, e vinha entrelaçado de citas do ensaísta Montaigne, as quais, nas palavras de Reyes, «hacen en general el oficio de las viñetas»; e Cecília observa o seguinte:

aquele Montaigne não foi só homem de boa-fé: foi mesmo homem de sorte. Basta ver-se como, ao completar o seu 400º anniversario — e até com antecipação — já recebe de presente este seu *Tren de ondas*, cujo único defeito é ser demasiado veloz e levar-nos ao fim, quando o bom seria ficarmos sempre pelo caminho.

Este é um livro «gostoso», com o qual se pode pensar sem se ficar mumificado e rir largamente sem no emtanto, fazer succumbir o que se pensou. Tudo me levaria a escrever alguma coisa sobre estas coisas. Mas principio a ter medo de virar objecto-mosca... Ai de mim!

E *objecto-mosca* é uma alusão ao breve ensaio de Alfonso Reyes, «Los objetos moscas», que trata dos «objetos que se nos pegan sin remedio», como as moscas.

Os *Romances del Río de Enero* de Alfonso Reyes são versos de louvor que evocam um ambiente subjetivo da capital carioca, e vêm na sua 1ª edição, de 1933, belamente ilustrados de estampas, e impressos pelo editor holandês A. A. M. Stols em Maestricht, Holanda.

E Cecília expressa:

meu encantamento comovido deante do seu poema ao Brasil, onde estão todas as estampas de Debret e bahianas incomparaveis - deante das quaes todas as minhas se

inclinam...

Como se não bastasse tanta maravilha, ainda lhe ocorreu aquella **arte poética** do fim, na qual, explicando o seu livro, está creando todo um genero delicioso. Este seu namoro com a minha cidade, insatisfeito ainda com a alma que trajina (?), foi vestir-se com Stols, para deslumbrar completamente. Mas não era preciso!

Admirável, a **volta do correio**. Veja se não é uma «arte divina» a que lhe ofereceu aquella critica, de onde teria de bastar semelhante resposta!

Aquela «**arte poética do fim**» se refere às Notas finais em que Reyes explicou a estética do seu poema, incluindo sua decisão de

De cuando em cuando, darse el gusto de deslizar uno que otro lusismo,
— pois
Estas contaminaciones entre el portugués y el español...
dan sazón al caldo.

E acrescenta Cecília uma menção de *A vuelta de correo*, uma carta aberta em que Reyes respondeu ao ataque de um compatriota Héctor Pérez Martínez que acusou de «desvinculación de México» o nosso Mexicano Universal. Outra referência, às estampas ilustrativas do livro, deixa entrever uma Cecília desenhista. (E recordemos que Reyes ilustrou a cobertura do seu livro de versos, *Cortesía*, 1948, com seus próprios desenhos do Rio de Janeiro, de Monterrey (sua cidade natal) e Paris). Cecília também elogia seu poema dramático *Ifigenia cruel* (1924) e lhe promete uns desenhos seus, inspirados por esta obra.

Seguem os intercâmbios e consultas mútuas, sobre temas como as canções de berço que está estudando Cecília. Aparece um convite de 18 de abril de 1933 a uma «Exposição Cecília Meirelles», «convite para inauguração» que supomos ser uma exposição de desenhos pela poetisa.

As últimas quatro cartas de Cecília sobre tudo nos mostram como se irão separando e cruzando novamente os caminhos do poeta mexicano e da poetisa brasileira. O 12 de setembro de 1934, quando os dois estão em vésperas de viajar (Cecília para Portugal, Espanha, França e talvez Itália; Don Alfonso para um breve retorno ao México), Cecília medita sobre os destinos:

no momento em que lhe ia começar a escrever esta carta, o correio trouxe-me a sua, despedindo-se.

Alguma vez foi ou será comum o nosso destino, como naquela sua interessante história sobre a altura da torre Eiffel: — também estamos com as passagens compradas para partir no mesmo dia 20. (Como, porém, o nosso navio é do Lloyd, não lhe posso assegurar que saia exatamente nesse dia...).

E despedindo-se ela após uma breve visita no México (31 julho 1940), lamenta:

seguimos hoje para Los Angeles, com muita pena de que o nosso pouco tempo e os nossos poucos dólares não nos permitam uma visão mais completa do México. Mas para sempre estas frias e movimentadas alturas serão recordadas com o mesmo carinho com que V. recorda o Rio de Janeiro — que, certamente, também não o esquecerá...

Sua agradecida amiga,
Cecília Meirelles (sic)

The George Washington University
U.S.A.

NOTAS

(1) Antecedentes deste trabalho: J.W. Robb, «Alfonso Reyes, el Brasil y la lengua portuguesa», *Kentucky Fn., Lang. Quarter 1y*, XI:1 (1964), pp. 33-39. Fred. P. Ellison, «The Brazilian Friends of Alfonso Reyes». *Paper on French-Spanish, Luso-Brazilian, Spanish American Literary Relations* (MLA Seminar 17, N.Y., Dec. 1970), SUNY, Brockport, N.Y., pp. 16-27 («Los amigos brasileños de Alfonso Reyes», *Boletín Capilla Alfonsina*, México, No. 21, julio-sept. 1971, pp. 8-15).

(2) Alceu Amoroso Lima («Tristão de Athayde»), «Alfonso Reyes, homem de proa», em *Companheiros de viagem*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971, p. 149. No mesmo volume, «Cecília Meireles e Anita Malfatti», pp. 230-232. Também sobre Reyes, «Homenagem a Alfonso Reyes», em (vários): *Libro jubilar de Alfonso Reyes*, México: UNAM, Dirección General de Difusión Cultural, 1956, pp. 43-46.

(3) H. Keith e R. Sayers, «A poesia de C. Meireles», em *Cecília Meireles: Poemas em tradução*, Washington: Brazilian-American Cultural Insitute, 1977, p. XXV. Outras mostras deste interesse são: Raymond Sayers, «The Brazilian Woman Poet in the 20th century: Cecília Meireles», em (vários:) *Homenaje a Andrés Bduarte*, Clear Creek, Indiana: The American Hispanist, 1976, pp. 361-369. John A. Kerr, Jr., «Notes on C. Meireles reflections of the Indian reality», *Language Quarter 1Y*, U. of South Florida, Tampa, Fla., 16: 1-2 (1977), pp. 47-50. Paulo Rónai, «The character of a poet: C. Meireles and her work», *The Literary Review*, Fairleigh Dickinson U., Madison, N. J., XXI:2 (Winter 1978), pp. 193-207.

(4) Agradecemos a Alicia Reyes, Diretora de La Capilla Alfonsina, México, D.F., ternos oferecido a cópia deste epistolário.

(5) C. Meireles, «Uma recordação da juventude», *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 de março 1931. Outros artigos de C. Meireles sobre obras de Reyes: «Discurso por Virgílio», *Diário de Notícias*, Rio, terça-feira, 18-19 agosto 1931. «A margem de uma conferência» (*Atenea Política*), *Diário de Notícias*, Rio, 26 de agosto 1932. «Chronica da semana» (*La caída de A. Reyes*). *A Nação*, Rio, 28 de janeiro 1934.

(6) A. Reyes, «En el día americano», Rio de Janeiro, 14 de abril 1932; *Obras Completas*, México: Fondo de Cultura Económica, 1960, pp. 64, 66.